



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

HISTÓRIAS DE VIDA DOS EDUCANDOS EM EJA:
a oralidade no ensino de Português

MARIA APARECIDA SARMENTO MOREIRA

JOÃO PESSOA - PB

2014

MARIA APARECIDA SARMENTO MOREIRA

HISTÓRIAS DE VIDA DOS EDUCANDOS EM EJA:
a oralidade no ensino de Português

TCC apresentado pela acadêmica
Maria Aparecida Sarmiento Moreira
como exigência do curso de
graduação em Pedagogia da
Universidade Federal da Paraíba.

ORIENTADORA: Prof. Ms. Walkíria
Pinto de Carvalho

JOÃO PESSOA - PB

2014

M838h Moreira, Maria Aparecida Sarmiento.

História de vida dos educandos em EJA: a oralidade no ensino de português / Maria Aparecida Sarmiento Moreira. – João Pessoa: UFPB, 2014.
51f.

Orientador: Walkíria Pinto de Carvalho
Monografia (graduação em Pedagogia) – UFPB/CE

1. Educação de Jovens e Adultos. 2. Oralidade. 3. Ensino-aprendizagem. I. Título.

UFPB/CE/BS

CDU: 374.7(043.2)

DEDICO este trabalho a Jesus que sempre me sustentou na fé durante a caminhada; em especial ao meu amado pai Jacinto (Beto) e a minha amada Mãe Maria do Socorro (Branca) que sempre me motivou durante este percurso; ao meu esposo Tancredo pela paciência que teve durante todo esse tempo; a minha irmã, Dayane, por torcer sempre por mim; a minha Vó Emilia Abrantes Sarmento em sua memória, mulher guerreira que trouxe ao mundo meu amado pai que tornou possível minha existência, pois jamais foi esquecida e sempre se fez presente na minha vida em todos os momentos.

Maria Aparecida Sarmento Moreira

MARIA APARECIDA SARMENTO MOREIRA

**Histórias de vida dos educandos em EJA:
a oralidade no ensino de Português**

Data da defesa: __/__/__

BANCA EXAMINADORA

Profa. Ms. Walkíria Pinto de Carvalho

Universidade Federal da Paraíba

Profa. Dra. Maria Claurênia A. Silveira

Universidade Federal da Paraíba

Profa.Dra. Maria Erenilza Pereira

Universidade Federal da Paraíba

NOTA: _____

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por me proporcionar estudar em um curso superior nesta universidade, por me abençoar nesse momento maravilhoso de minha vida, obrigada, Senhor, pela conquista. Agradeço também a Jesus Cristo, teu filho amado, e tua mãe, Nossa Senhora, pela vitória.

A meu pai, Jacinto Abrantes Sarmento (Beto de Mila), e minha Mãe, Maria do Socorro Sarmento (Branca), por todos os momentos que precisei deles; estavam do meu lado me estimulando a vencer. Pai e Mãe, essa conquista é de vocês, pois não tiveram essa oportunidade de estudar que tive e sempre me estimularam a estudar, dizendo que era o maior presente que eu poderiam lhes dar. Eu amo muito vocês e agradeço por tudo, e digo-lhes que cheguei aonde cheguei por vocês, minha base, meus grandes amores. Hoje não só eu me formo, mas, vocês também. Agradeço a Deus por ter pais tão maravilhosos e amorosos. Nosso sonho se tornou real, sei que sou o orgulho de vocês, saibam que são o meu maior orgulho.

Ao meu marido Tancredo, por estar ao meu lado em todos os momentos, por disponibilizar seu tempo a mim, viver comigo esse sonho e sempre me dar conselhos e dizer o quanto me ama, isso foi muito importante. Obrigada, meu amor, por tudo, saiba que sem você nada seria possível. Obrigada a Deus por cruzar nossos caminhos e fazer o nosso sonho possível.

A orientadora Walkíria Carvalho, por ter me dado todo apoio nesse momento único de minha existência, por ser uma profissional muito dedicada a tudo que faz; obrigada por ter acreditado em mim e no meu potencial, te admiro muito.

A minha irmã Dayane Abrantes, pois sempre me falava palavras de carinho, me dando força e mostrando seu orgulho de mim; eu te amo, Irmã.

A meu tio Vanduir, e sua esposa Remédios e meus primos Karina, Caio e Carlos por acreditar em mim e sempre mostrar o seu orgulho de mim, vocês são muito especiais para mim; obrigada por todo carinho.

A minha vó Emilia Abrantes Sarmento que está com Deus, a ela dedico meu trabalho, e sei que lá no céu sempre torceu por mim, jamais te esquecerei.

Agradeço a Escola Zé Peão por todo aprendizado, pois foi através da mesma que nasceu em mim o desejo pela EJA, digo que aprendi tanto com todos que fazem a escola.

Agradeço a todos os professores que tive durante o decorrer do meu curso, por toda aprendizagem que tive com eles.

Agradeço a todos os meus familiares por acreditar e estimular meu sucesso, e em especial, minha Vó Maria, pelo carinho. Obrigada a minhas primas e amigas, Natália e Patrícia, que fazem parte de minha vida de estudante; amo vocês.

Por último, e não menos importante a todos os meus alunos da Escola Zé Peão, por contar suas histórias de vida para mim, proporcionando a construção deste trabalho. Enfim, agradeço a todos que fazem parte de minha vida, que sempre torceram por mim.

RESUMO

Esta pesquisa apresenta um breve estudo sobre histórias de vida dos educandos em EJA: A oralidade no ensino de português. Teve como objetivo analisar situações de oralidade nos educandos no ensino de Português. Foram abordados a história da EJA, seus sujeitos e como são trabalhados no Programa Escola Zé Peão (PEZP) o ensino de português, direitos, deveres e prazeres do leitor, gêneros textuais, linguística aplicada, a contação de histórias, saberes dos educandos desta modalidade, a oralidade, a aprendizagem a partir das histórias de vida. Foi utilizada uma pesquisa de campo, participativa, exploratória de metodologia qualitativa, sendo utilizada como instrumento de coleta a técnica da gravação. Os dados foram coletados juntos aos educandos do PEZP. Os resultados revelam a contribuição significativa das histórias de vida como facilitadoras da oralidade nas aulas de português.

Palavras-chave: Oralidade. Histórias de vida. PEZP. EJA.

ABSTRACT

This research presents a study about students stories in EJA (Young and Adults Education).The oral tradition in the Portuguese teaching. Your objective is analyse oral tradition situations in Portuguese teaching. In this research was raised the history of Young and Adults Education, you subjects your works in the PEZP, Portuguese teaching, rights and duties, pleasure of reader , textual genres, applied linguistic, storytelling, students skills, oral traditions and learning their stories. It was made a field research participatory and qualitative methodology, with collection instrument and engraving technique. The said date collected by students of PEZP. The results show the significant contribution stories of life as facilitators of orality in Portuguese classes.

Keywords: Oral tradition. Stories of life. PEZP. EJA.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CONFINTEA - Conferência Internacional de Educação de Adultos

EJA - Educação de Jovens e Adultos

ENEJA - Encontro Nacional de Educação de Jovens e Adultos

PEZP - Programa Escola Zé Peão

PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

CAPÍTULO 1 EJA- A HISTÓRIA, OS SUJEITOS, O PEZP.....	13
1.1 Há um tempo atrás...a identidade do público da EJA.....	13
1.2 A aprendizagem no PEZP.....	16
 CAPÍTULO 2 - E O ENSINO DE PORTUGUÊS... ..	18
2.1 Deveres, direitos, prazeres? O que dizer da leitura?.....	18
2.1.1 Gêneros textuais - incentivo à leitura com significado.....	21
2.1.2 Piadas excêntricas e notícias interessantes na obra.....	23
2.1.3 Produção textual- saberes sistematizados a passos lentos.....	24
3.2 Textos- instrumentos para a linguística aplicada.....	26
 CAPÍTULO 3 - ERA UMA VEZ.... NA SALA DE AULA.....	29
3.1 Os saberes dos educandos na Educação de Jovens e Adultos.....	29
3.1.1 A oralidade no ensino de língua portuguesa	31
3.1.2 Histórias de vida na sala de aula	33
 CAPITULO 4 - OS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA..	36
 CAPÍTULO 5 - ANÁLISE DE DADOS E RESULTADOS DA PESQUISA.....	39
 CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
 REFERÊNCIAS	51

INTRODUÇÃO

O ensino de português na EJA é relevante e a cada dia se percebe que o ensino vem evoluindo nesta modalidade de ensino. Porém, ainda precisa ser mais criticamente pensado como os educandos nas salas de aulas vêm se manifestando com relação à aprendizagem nessa disciplina, no que tange a escrita e a oralidade, embora este trabalho esteja centrado na oralidade.

O conhecimento é adquirido através de histórias nas quais um aprende com o outro, a partir daí o educador vai criando condições para essa aprendizagem diante das histórias. Partindo disto, foi percebida uma falta de interesse quando se trata do ensino de português na sala de aula, quando é solicitado que os educandos façam leituras ou construam um texto, de assuntos estudados em sala sem fazer nenhuma relação com suas vidas. Percebe-se que eles não conseguem se sair bem e no momento em que vão fazer a leitura do que foi elaborado ficam com receio e a aula não consegue fluir.

O interesse de trabalhar este tema partiu do cotidiano enquanto educadora e estudante do curso de Pedagogia. Foi visto que o ensino de português tinha muito a contribuir para o desenvolvimento dos educandos e iria ajudar aos educandos a se manifestar e com isso melhorar a oralidade, para daí se tornarem os sujeitos mais participativos em sala de aula.

Na sala de aula foi percebida a importância de valorizar os conhecimentos dos educandos, suas culturas, suas histórias de vida, na qual o educador pode usar isso para fortalecer o ensino e contribuir para melhorar sua prática pedagógica, enquanto educador comprometido e interessado na leitura de mundo do educando, deixando autoridade de lado e passando a escutar suas histórias.

O educador que escuta o educando possibilita a este fazer parte do processo de aprendizagem, criando com essa ação o vínculo entre escola e sujeito, ainda mais quando se trata de histórias de vidas, na qual este é protagonista. O educador passa a valorizar aquela escuta e o educando vai percebendo que ele não é sujeito vazio, mas que tem um conhecimento indispensável ao ambiente de sala de aula. É preciso admirar a fala do educando para que este se reconheça como sujeito de sua própria aprendizagem. Como diz Freire (1989): “Escuto o povo”. Como esse grande filósofo, nós educadores devemos escutar nossos educandos, dando a eles a oportunidade de expressão sejam em qualquer ambiente que funcione uma sala de aula.

Assim, a pesquisa se propõe a permitir que os educandos possam contar suas vidas, através de histórias, a fim de que estas histórias de suas vidas no contexto da sala de aula possam estar favorecendo a troca de experiências de vida e colaborando para o crescimento particular de cada educando. Para isto foram traçados alguns objetivos.

Esta pesquisa teve como objetivo geral analisar situações de oralidade nos educandos no ensino de português, seguido pelos específicos que são: a) Mostrar como está o ensino de Português nos canteiros de obra, dando ênfase à oralidade e sua importância para o desenvolvimento dos educandos. b) Identificar as necessidades dos educandos, favorecendo seu desenvolvimento, a partir da oralidade.

Neste estudo pretende-se alcançar os objetivos já mencionados. Foram abordados autores que tratam sobre, trazendo suas contribuições para o ensino de português, mais precisamente a oralidade, foco desta pesquisa.

O primeiro capítulo vem trazendo a história da EJA ao longo do tempo e mostra a diversidade de sujeitos que se trabalha essa modalidade, apontando também como a aprendizagem está acontecendo no PEZP.

No segundo capítulo, é apresentado o ensino de português, apontando deveres, direitos e prazeres que a leitura propicia aos sujeitos que nelas viajam, partindo de gêneros textuais diversos, para a sistematização dos saberes e utilizando esses instrumentos para trabalhar a linguística aplicada.

O terceiro capítulo apresenta a arte da contação de histórias, apontando o ensino de português como ferramenta importante para o respeito às histórias de vida dos sujeitos, e a partir da contação facilitar a oralidade, trazendo contribuição para a vida social dos sujeitos.

No quarto capítulo deste trabalho acadêmico encontram-se os procedimentos metodológicos da pesquisa, caracterizando a pesquisa, os sujeitos e o instrumento de coleta de dados.

No quinto capítulo é apresentando a análise dos dados desta pesquisa, apresentando as histórias dos educandos pesquisados.

Nas considerações finais é apresentada a importância deste trabalho para a formação acadêmica e profissional, ampliando o olhar a partir da contação de histórias reais da vida dos educandos.

Pretende-se à luz dessa abordagem contribuir para os estudos a respeito deste tema, que tem grande importância e contribuição para a aprendizagem do ensino de português e desenvolvimento da oralidade.

CAPÍTULO 1- EJA- A HISTÓRIA, OS SUJEITOS, O PEZP

Quem são esses sujeitos?

Como se expressam no mundo? Onde estão no território brasileiro? O que fazem? Como produzem a existência? Quais são seus desejos e expectativas? Que projetos de vida manifestam? Como aprendem? Esses sujeitos participam da elaboração das políticas públicas? (VI CONFITEA, 2009; p.2)

1.1 Há um tempo atrás... A identidade do público da EJA...

Os primeiros indícios da educação de Jovens de Adultos ocorreram com os indígenas sendo “catequizados” pelos jesuítas, na época do Brasil colônia, tentando educa-los na doutrina religiosa, com maior intuito de dominar os selvagens, sendo mais um caráter religioso do que educacional, sendo também uma forma de controlar os indígenas. Nessa época o que se vê é uma fragilidade da educação, pois ela não era responsável pela produtividade. As leis e decretos que buscavam resolver o problema do analfabetismo eram muito tardios e poucos resolveram o problema da população.

O Movimento de Jovens e Adultos teve início no término da década de cinquenta e seguiu até os anos sessenta e permanece na educação até hoje, como também nos movimentos sociais, urbanos e rurais.

No Brasil na Educação de Jovens e Adultos houve interferências de políticas públicas que, de fato, foram incapazes de resolver o problema do analfabetismo, pois a EJA continuava sem atingir os níveis de alfabetização esperados.

Paulo Freire contribuiu com a EJA de forma bem direta, fez parte desses movimentos educativos. A América latina considera Paulo Freire como um dos mais importantes da educação nos últimos cinquenta anos.

Nos anos de 1970, o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL) cresceu em todo o país, neste período surgiram ações com programas de alfabetização, tornando-se um dos mais importantes como o Programa de Educação Total. Este programa trazia inúmeras chances para os jovens continuar estudando, para os mais novos analfabetos e os analfabetos funcionais, aqueles que não dominavam a leitura e a escrita, de forma necessária a participar da vida social em várias dimensões.

Nos anos noventa, a Educação de Jovens e Adultos deixou de ser apenas tradicional, a educação bancária, tornando-a mais significativa para os educandos, buscando melhorar a sua aprendizagem. Também nos anos noventa, por não ter políticas que apoiavam a educação, o governo não contribuiu com a Educação de Jovens e

Adultos, porém alguns estados e municípios começaram a investir na EJA. A partir daí, diversas iniciativas foram surgindo, ocorrendo parcerias entre municípios, ONGs e Universidades. Nesse contexto acabam emergindo os fóruns da EJA, como ambientes de embates e ações em companhia com os segmentos envolvidos na área. De acordo com SOARES (2004), os fóruns são movimentos que articulam instituições, socializam ações e interferem na preparação de políticas voltadas para essa modalidade de ensino, ocorrendo um movimento nacional, com finalidade de diálogo com organizações governamentais para interferir na preparação de políticas públicas para tal fim.

Após o surgimento dos fóruns, a história da EJA passa a ser registrada em um Boletim de Ação Educativa, que tem com finalidade socializar uma agenda dos fóruns e os relatórios dos ENEJAs. A partir daí os fóruns passam a ter presença em audiências de Conselho Nacional de Educação, para debater as diretrizes curriculares para a EJA, portanto os fóruns são porta-vozes da EJA em esfera nacional, trazendo diversas contribuições para a transformação desta modalidade de ensino no Brasil.

Destacando ainda, que, ao longo da história, a Educação de Jovens e Adultos chegou a fracassar muitas vezes, pois o ensino de qualidade é o maior objetivo que se busca no Brasil, É preciso enfrentar ainda diversos desafios para tornar a educação mais acessível a todos os sujeitos, que desejam se instruir e construir um futuro melhor para sua família.

Desde a história do Brasil até hoje quem não poderia estudar era a classe subalterna da sociedade, ou seja, aquela parte da população que é menos favorecida, porém a EJA é um espaço de aprendizagens de diferentes camadas da sociedade e espaço de vivências que contribui para a formação de jovens e adultos como sujeitos ativos da história.

Pensar nos sujeitos que compõem a Educação de Jovens e Adultos é pensar na diversidade. Essa diversidade se organiza nas diferenças que distinguem os sujeitos dos outros, são homens, mulheres, crianças, adolescentes, jovens, adultos, idosos, pessoas com necessidades especiais, entre outros.

De acordo com a VI CONFITEA:

A diversidade que constitui a sociedade brasileira abrange jeitos de ser, viver, pensar e agir que se enfrentam. Entre tensões, entre modos distintos de construir identidades sociais e étnico-raciais e cidadania, os sujeitos da *diversidade* tentam dialogar entre si, ou pelo menos buscam negociar, a partir de suas diferenças, propostas políticas que incluam a todos nas suas especificidades sem, contudo, comprometer a coesão nacional, tampouco

concepções e propostas de EJA voltadas à formação humana que passam a entender quem são esses sujeitos e que processos políticos-pedagógicos deverão ser desenvolvidos para dar conta de suas necessidades, desejos, resistências e utopias. (VI CONFINTEA, 2009, p. 28)

O educador de EJA deve estar atento para essa diversidade que se tem em sala, tentando sanar todas as dificuldades ali presentes. Os sujeitos da EJA são em sua maioria de periferias urbanas ou de origem rural, pessoas que por inúmeras razões não puderam estudar. O mapa do analfabetismo se confunde com o da pobreza. Geralmente os educandos da EJA tem esse perfil, os quais foram privados de seus direitos à educação de qualidade.

A diversidade encontrada na EJA é imensa, pois os sujeitos são diferentes, tem maneiras de viver, falar e agir que os tornam únicos, uns por que tem visão de mundo mais abrangente, o outro por que viveu mais. No entanto têm, em comum, histórias de vida com dificuldades e privações. É preciso valorizar os sujeitos em suas diversidades, pois a partir delas podemos tornar o aprender mais significativo, valorizando o contexto em que cada um se encontra.

De acordo com VI CONFINTEA:

Reconhecer na EJA a *diversidade* como substantiva na constituição histórico-social-cultural e étnico-racial brasileira exige superar aspectos colonizadores, escravocratas, elitistas representados pela superioridade de padrão físico, de mentalidade, de visão de mundo, a matriz cultural de raiz européia, branca, que tem favorecido pequeno grupo da sociedade, privilegiando-o tanto economicamente como nas possibilidades de influir nas decisões políticas sobre os rumos da sociedade. Exige, ainda, superar preconceitos e discriminação que reforçam as desigualdades que caracterizam a sociedade brasileira, reeducando as relações étnico-raciais, como prevê a atual legislação. . (VI CONFINTEA, 2009; p. 30)

É preciso entender que os sujeitos da EJA são distintos e para compreender isto é importante olhar para o passado. E como diz no documento, superar o que levou a essa diversidade. O emaranhado em que se prendem com relação à diversidade faz com que os sujeitos da elite se achem melhor que os das classes mais inferiores da sociedade. Portanto, os sujeitos que compõem essa modalidade são em sua maioria os sujeitos discriminados pela desigualdade social. A maioria da população entende que estes sujeitos não têm como contribuir na sociedade e poder participar da política. É necessário dar voz e vez à diversidade e perceber que o Brasil é composto de heterogeneidades.

Essa diversidade é presente na sala do PEZP, por se tratar de sujeitos que em sua maioria são de origem rural, que por motivos sociais migraram para a capital João

Pessoa procurando melhores condições de vida. Trabalha-se no Programa Zé Peão, com as diversidades, idades diferentes, pensamentos, dificuldades entre outras. Tivemos o cuidado de trabalhar com cada um suas especificidades, porque são sujeitos com sua visão de mundo, pessoas que voltaram para escola por diversas razões, tentando modificar sua vida em muitos aspectos.

Pensar nos educandos como pessoas que querem aprender, está ali buscando algo importante nas suas vidas, são trabalhadores de diversos segmentos e que é necessário trabalhar de forma criativa, estimulando a aprendizagem.

1.2 A aprendizagem no PEZP

A aprendizagem dos operários da construção civil no programa Escola Zé Peão se dá a partir do saber do educando, contextualizando o assunto estudando a sua realidade fazendo deles sujeitos de sua própria aprendizagem. O Programa tem sua metodologia própria, na qual o sujeito é o principal protagonista. O que o programa defende é uma prática docente comprometida com a busca de equilíbrio entre significação e mecânica.

A significação é um exercício de busca cotidiana que dá sentido ao que se faz e por que se faz, refletindo sobre o desejo e o possível, nas circunstâncias dadas. A mecânica é justamente entendida como uma ação necessária a aprendizagem, só que partindo do contexto não trabalha a mecânica pela mecânica. E a especificidade escolar é justamente o que é específico da escola, leitura e escrita, porém de forma diferenciada.

Baseado no grande educador Freire, que contribuiu para que a alfabetização e pós-alfabetização, é fundamental tornar algo significativo para os educandos, elegendo palavras geradoras, a fim de estimular o educando no seu processo de alfabetização, e relacionando o assunto com a vida do educando.

Mais que tudo, a educação para Freire era muito além de um método, o teórico não criou a fórmula, uma técnica, nem uma nova metodologia. Mas, sim via a educação como uma questão política. A alfabetização, na sua concepção é uma reflexão sobre o mundo e a posição e lugar do homem nesse espaço. No Programa Escola Zé Peão os conteúdos são trabalhados a partir dos saberes que os educandos trazem de sua “bagagem”, a realidade em que estão inseridos dando suporte para uma aprendizagem concreta. Uso de famílias silábicas auxilia no processo de alfabetização, com palavras geradoras, estimulando a leitura de forma que lhe dê significado.

Como o próprio Freire afirma como foi alfabetizado, o que fez a diferença foi justamente às palavras ligadas ao seu cotidiano.

Minha alfabetização não me foi nada enfadonha, porque partiu de palavras e frases ligadas a minha experiência, escritas com gravetos no chão de terra no quintal (FREIRE, 1994 depoimento a revista nova escola)

Com base nisso, Freire apostou em algo concreto vivenciado por ele durante sua vida, no Programa Escola Zé Peão, com o público da construção civil. É notável a aprendizagem, fazendo a relação de algum conteúdo com a terra de origem dos educandos a aula flui melhor, o diálogo dá espaço a grandes aprendizagens.

O processo de ensino e aprendizagem no canteiro de obras é feito a partir de temas geradores que são trabalhados e contextualizados, levando à valorização dos saberes que os educandos que trazem como suporte, favorecendo a aprendizagem. Com os temas estudados em sala de aula, cria-se uma ponte entre a realidade dos educandos, ou seja, o educador se torna facilitador estimulando os educandos a participarem ativamente das aulas, expondo seus saberes para a construção de novos saberes, promovendo o desenvolvimento dos educandos.

A aprendizagem no PEZP se dá de forma diferenciada das escolas comuns, partindo de princípios norteadores para a prática pedagógica dos educadores, como os educandos sendo o centro do processo. Os três princípios já citados acima, que norteiam a aprendizagem dos educandos nos canteiros de obra, são a “contextualização”, a “significação operativa” e a “especificidade escolar”. Segundo Ireland (1992), esses três princípios apresentados são apenas dimensões fundadas de uma mesma e única prática pedagógica, que é a alfabetização de alunos trabalhadores da construção civil.

Esses princípios são um desafio para a equipe pedagógica da escola, pois está é responsável por articular com a ação do educando em sala de aula. Esse desafio pode se afirmar que nasceu da necessidade de juntar duas facetas do trabalho pedagógico em sala: o compromisso com o significado e a precisão da mecânica. É dando significado ao que é trabalhado em sala que os educandos da escola Zé Peão aprendem.

As atividades de aprendizagem que os educadores usam são atividades inteligentes, partindo do compromisso com os princípios da escola e baseados no educador Freire, nada de atividade decorativas, de horas copiando o que está no quadro sem nenhum significado para o aluno trabalhador.

CAPÍTULO 2- E O ENSINO DE PORTUGUÊS....

A ideia que a leitura “humaniza o homem” é justa no seu lado, mesmo se ela padece de algumas deprimentes exceções. (Pennac 2011, p.130)

2.1. Deveres, direitos, prazeres? O que dizer da leitura?

O ensino de português em sala de aula deve estar focado em deveres, direitos e prazeres, que a leitura possibilita para os educandos. Trazendo a cada momento uma nova leitura, o dever do educador é possibilitar ao educando leitor conhecer um novo mundo, o mundo das descobertas, até mesmo aqueles que estão iniciando neste universo.

Os deveres do leitor são cuidar bem do livro; ser crítico à leitura; ler uma grande variedade de livros; se deixar viajar neste novo universo; conhecer uma biblioteca; conhecer livros, que muitos não conhecem. É partindo desses deveres que devemos trabalhar a leitura em sala de aula. É após a leitura que podemos perguntar aos educandos leitores seu entendimento e sua opinião do que foi lido, trazendo-os a refletir.

Muitos educandos não têm acessos a bibliotecas, mas é um dever deles procurar conhecer alguma e dever da escola proporcionar visitas a esse ambiente, pois a referida iniciativa pode levar o aluno a ter mais gosto pelos livros, aumentando a possibilidade de ele voltar a esse espaço, sem, necessariamente, a companhia da professora.

Partindo disso, percebe-se a importância da leitura na escola em favorecer aos educandos acesso a esse novo ambiente, pois é entendendo que a leitura tem um papel muito significativo na vida daqueles que conseguem decodificar a escrita e daqueles que ainda decodificam com dificuldade que a leitura se fará necessária a todo tempo.

Silva (2002, p. 31) afirma que:

A atividade de leitura se faz presente em todos os níveis educacionais das sociedades letradas. Tal presença, sem dúvida marcante e abrangente, começa no período de alfabetização, quando a criança passa a compreender o significado potencial de mensagens registradas através da escrita.

É percebendo a atividade de leitura como primordial que ela deve estar presente a partir da alfabetização e da pós-alfabetização. A leitura é precisa e esclarecedora, pois traz novos conhecimentos, muitas vezes, antes nunca vivenciados por nenhum educando. Poder ler e entender o seu próprio texto é uma sensação inexplicável, que

cada um sente ao fim da leitura. E ler todos os dias uma palavra uma frase ou um pequeno texto deve ser um ato do aluno de que ele não deve abrir mão.

Hoje, a maioria dos leitores se dá, no dia-a-dia, o direito de não ler. Prefere assistir à TV, ver até mesmo um filme ruim do que ler. A partir daí se percebe a cultura de não se ler, ou não gostar de ler. Mas como não gostar se não se dá uma chance para tal? É por não lermos cotidianamente, pois, que a leitura não é um hábito e crescemos entendendo a leitura como um castigo. Grande ilusão! A leitura cria em nós possibilidades de entender melhor o mundo. A maior parte daqueles que são diplomadas pensam que já sabem tudo e por isso não lêem, nem parecem que já leram tanto para se formarem do ponto de vista acadêmico. Pode-se dizer que quem não lê tem outros amores? Talvez. Ler é indispensável na construção de saberes e novos amores, ajudando no entendimento do mundo em que se vive.

Os leitores têm direitos que só cabem a eles compreender. O direito de não ler é do leitor, se não quer ler é uma opção que se faz, porém esse direito deveria não ser usado, pois isso facilita que cada vez que se pensa em ler, possa contar com a opção de dizer “eu não vou ler”, porque ler me faz perder tempo ou coisa desse tipo.

De acordo com Pennac (2011):

Como toda enumeração de “direitos” que se preze, esta dos direitos á leitura deveria começar pelo direito de não ser usado - no caso, o direito de não ler-, sem o que não se trataria de uma lista de direitos, mas de uma viciosa armadilha. (Pennac, 2011, p.129)

Os direitos do leitor acabam como uma armadilha, um vício que não possibilita viajar no mundo das páginas dos livros, em um lugar novo a cada leitura, a novas descobertas que só a leitura nós dá. Esse direito de não ler deveria ser esquecido. É lamentável poder ser excluída a satisfação que uma boa leitura traz.

Dentre os direitos do leitor encontra-se o direito de pular página. Sim, esse é mais bem compreendido, pois o leitor pode estar interessado tanto na história que o livro traz, querendo ver logo o que acontecerá no decorrer desta. Pular páginas é por razões que só interessa ao leitor e ao livro, sendo mais um dever no conjunto de prazeres do leitor. Prazer em pular, e procurar entender melhor o que se lê são decisões que só mesmo o leitor pode tomar.

Pennac (2011), então, menciona ainda como direitos do leitor: o direito de não terminar um livro, o direito de reler, o direito de ler qualquer coisa, o direito do

bovarismo (doença textualmente transmissível), o direito de ler em qualquer lugar, o direito de ler uma frase aqui outra ali, o direito de ler em voz alta e o direito de se calar. Esses direitos podem ser encarados como bons ou ruins, dependendo do entendimento do leitor, podendo possibilitar prazeres inexplicáveis ao leitor, como por exemplo: o direito de se calar, de ter o livro como companheiro. Como íntimo do livro o leitor divide sensações e emoções que o velho companheiro traz, é preciso compreender que as razões de ler são tão intrigantes quanto os motivos para viver.

A leitura é algo que possibilita ao leitor prazeres de ‘viaja’ por diversos lugares trazendo-nos a refletir e se envolver no que se está lendo. Ler é buscar respostas para a compreensão de qualquer coisa, é lendo que podemos sentir entusiasmo ou desilusão. Não fazemos a leitura apenas de códigos linguísticos, mas da leitura de mundo, como Freire (1996) apresenta que a leitura de mundo antecede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica na continuação daquela.

Pensar em como começamos a ler é entrar em um universo de descobertas, segundo (Martins, 1982, p.11) é como uma criança ao nascer que tem o primeiro contato com o mundo. O calor e o aconchego de um berço são diferentes das sensações dos braços que o sustenta. A partir daí começamos a entender e dar sentido ao que nos cerca, pois semelhante são também os primeiros passos de um leitor. A autora deixa claro que o universo da leitura vai se desenvolvendo com o tempo como uma criança ao nascer.

Essas palavras que a autora apresenta são perceptíveis no mundo do leitor e isso vai sendo demonstrando no momento em que ele vai conhecendo a leitura e demonstrando prazer em ler um livro, um texto, um jornal, um cordel, uma piada, uma notícia e outros portadores textuais com os quais se ‘perde a hora’, o tempo passa. Se em sala de aula, aula acaba e esse está inebriado com a leitura, com o mundo das palavras. A leitura pode transformar e favorecer o crescimento do leitor e possibilitá-lo um novo mundo que dá prazeres. Para isso é importante o professor traçar estratégias que possibilitem uma leitura gostosa.

Estratégias devem ser traçadas para que o leitor tome gosto pela leitura e que ela tenha importância para o educando. Segundo (Solé, 1998, p.89) “várias estratégias são possíveis de trocas e outras estarão presentes antes, durante e depois da leitura, portanto as estratégias de leituras devem estar presentes ao longo de toda a atividade”.

A autora aponta a importância das estratégias para aumentar o estímulo e gosto pela leitura. Essas, por sua vez, denominadas não por Solé, de técnicas de compreensão

textual, muito usadas para estudo de língua, de um modo geral, quando a habilidade requerida é o entendimento do texto. Expondo a terminologia adotada por Solé são elas: seleção, antecipação, inferência e verificação, nas quais enriquecem ainda mais o desenvolvimento da escrita com a utilização dos gêneros textuais.

2.1.1 Gêneros textuais - incentivos à leitura com significado

Diante dos vários gêneros textuais que existem e podem ser utilizados pelos educandos, sobre os quais eles devem estar abertos em salas para tecer comentários livremente, como mediador de leitura, sempre devem ser observadas as informações visuais e não visuais verbalizadas ou não, em seus comentários, estimulando-os, a fim de garantir que comentários ocorram e eles escrevam. A verbalização é a primeira prova concreta de compreensão.

Os gêneros textuais são importantes em sala de aula possibilitando aos alunos à escrita e a oralidade com atividades inteligentes, capazes de fazer os sujeitos compreenderem o que estão estudando, levando-os a se apropriarem dos gêneros textuais, trazendo os envolvidos à aprendizagem. O educador que faz cada vez mais uso dos gêneros em sala de aula está possibilitando aulas ricas e dinâmicas, gerando grandes aprendizagens. De acordo com Lira (2012, p. 124) “o aluno, ao se apropriar dos gêneros textuais, poderá interagir nos mais variados contextos sociais da língua oral e escrita. É nessa relação de sujeitos que se definem papéis de locutor-enunciador.”

Neste sentido, entende-se que os gêneros textuais têm um papel fundamental em sala de aula, levando os sujeitos que não tem facilidade de comunicação e escrita a se tornarem sujeitos participativos, ativos na sociedade, contribuindo tanto em sala de aula, como em suas vidas pessoais. É relevante o uso de gêneros textuais em sala de aula, pois pode trazer grandes benefícios e facilitar o trabalho pedagógico no que tange à leitura, à escrita e à oralidade. Segundo Lira (2012, p.123), “o uso de gênero textuais em sala de aula tem sido concebido como um instrumento para ensinar e escrever textos com significados na escola”.

A partir disso pode-se entender que os gêneros textuais podem ser usados dentro de um contexto, facilitando não só a escrita como diversas habilidades. Neste sentido, entende-se que atividades, na qual os sujeitos possam estar envolvidos, podem facilitar e ajudar no processo. Os gêneros textuais não podem ser vistos apenas para a construção de textos com significados ou não, mas como um recurso muito importante

na disciplina da língua portuguesa, possibilitando a escrita cada vez mais organizada, e como já foi dito, a oralidade e atuação dos sujeitos em situações sociais nas quais se encontram.

Os gêneros textuais devem ser compreendidos pelo educador e utilizados em sala de aula, sendo um aliado na leitura e escrita, possibilitando aos educandos desenvolvimento de pensamentos de criticidade sobre um determinado assunto. Os gêneros textuais podem favorecer momentos ricos de escrita, levando os educandos a tomar gosto pela escrita e favorecer o desenvolvimento da oralidade.

De acordo com Lira (2012) a compreensão de que o educador pode utilizar os gêneros textuais como suporte ao seu trabalho didático foi consolidado após o entendimento de que a leitura e a produção de textos são tidas como a base para o processo de ensino e aprendizagem do português no ensino fundamental. Entender os gêneros textuais como um suporte para a sala de aula é muito relevante, pois, além de ser um apoio, é meio de facilitar a aprendizagem dos alunos e tudo que pode propiciar momentos de descobertas, novos conhecimentos é importante que o educador faça uso.

É preciso que os educadores deem mais importância ao trabalho com gêneros textuais, pois os professores ainda não se apropriaram totalmente de seu uso, com isso privando os educandos de situações didáticas que beneficiem o desenvolvimento de grandes habilidades e capacidades para a produção de uma grande diversidade de textos. Essa diversidade pode fortalecer a prática pedagógica do educador e fazer as aulas mais interessantes e significativas, partindo de temas que propiciem a escrita e estimulem a cada dia a compreensão.

Falar em utilização de gêneros textuais no ambiente de sala de aula é propor aulas mais diversificadas e prazerosas, pois a maioria dos educandos não querem ler ou escrever porque já foram obrigados a isso, e não foi feito por prazer e sim por obrigação. É considerável que a maioria dos educadores usa a cópia como forma de castigo, contribuindo para os educandos não gostarem de escrever ou ler. Embora a leitura seja um ato do “eu”, mas podemos abrir portas, traçar alguns rumos em direção à sua construção, buscando apresentar para os alunos leituras significativas, através do uso de gêneros que textuais podem possibilitar leituras bem interessantes.

2.1.2 Piadas e notícias interessantes da obra

Quando se fala nesses dois gêneros textuais, percebe-se um maior empenho dos alunos trabalhadores em obra, pois o meio e o contato com vários colegas de trabalho possibilita a estes educandos contarem piadas e falar mais das notícias do momento. É necessário o educador perceber esse contexto em que o educando está inserido e fazer dele um aliado para a forma de falar, para a leitura e para a escrita, a fim de poder ajudar os educandos.

De acordo com Lira:

Geralmente, o aluno é considerado o único culpado pelo seu fracasso na escola, mas, na maioria das vezes, o corpo docente deixa de observar as condições nas quais ele estava inserido e que acabam influenciando diretamente em seu rendimento escolar. (Lira, 2012, p. 71)

Sendo assim, o educador precisa estar mais atento aos educandos e perceber que esses têm condições que podem ajudar no processo de aprendizagem. Na obra, onde os educandos trabalham, surgem muitas piadas e notícias, dois gêneros textuais, capazes de desenvolver habilidades dentro do contexto apresentado pelos sujeitos, e como educadora é necessário estar sempre atenta possibilitando que esses aprendam mais e alcancem o sucesso escolar, por meio da utilização desses saberes.

Segundo Lira (2012, p.87) os educandos sentem um grande prazer e maior facilidade na aprendizagem, quando são utilizados os gêneros textuais. É significativo o uso de gêneros textuais seja qual for, pois é bem mais chamativo e favorável o trabalho do educador. Existem inúmeros tipos de gêneros textuais, que são raramente utilizados em sala de aula.

Alguns exemplos de gêneros textuais seriam: telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, reportagem jornalística, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio de restaurante, instruções de uso, outdoor, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, conversação espontânea, conferência, carta eletrônica, bate-papo por computador, aulas virtuais, etc. (Lira, 2002, p. 22).

É importante o educador dar mais ênfase ao gênero textual que aos tipos de textos corriqueiros que são uma ferramenta de estudo facilitadora da aprendizagem, é interessante fazer uso dos gêneros humorísticos ainda pouco usados.

O elemento linguístico extraído de uma narrativa humorística oferece-se, assim, no ensino da língua portuguesa como um valor de alta motivação para o estudante, possibilitando-lhe natural assimilação e, conseqüentemente, fácil aprendizagem. Afinal, é preciso não esquecer que, no geral, uma anedota é

um pequeno texto, perfeitamente coeso, que oferece os traços essenciais da narrativa, as articulações sintáticas, o léxico, os eventos e as contradições da vida cotidiana. (CARCAGNOLO, 1995, p. 6)

A **piada** possui medidas para interagir de forma bem significativa com os educandos, podendo ser um elemento bem importante para se ensinar a língua portuguesa por ser significativa para eles, ainda mais quando se trata de adultos que convivem com esse gênero textual. Se a motivação para a aprendizagem vier da piada, será bem mais prazeroso aprender e será mais fácil comunicar-se através da oralidade.

Outro gênero textual bem significativo na obra é a **notícia**, por se tratar de adultos que necessitam se comunicar. Eles trazem como caminho para essa comunicação a notícia, seja do bairro, da cidade, enfim, notícias diversas.

A notícia é um gênero textual a ser trabalhado em sala de aula para tornar os sujeitos mais críticos podendo melhor participar da sociedade. É um gênero que traz muitas possibilidades de trabalho com os conteúdos de sala de aula.

Segundo Marcuschi (2002), os gêneros textuais estão aumentando e diminuindo na mesma intensidade, mostrando-nos novas formas de comunicação, tanto na escrita como na oralidade, e os dois gêneros aqui apresentados são bastante relevantes quando se trata de educandos trabalhadores em canteiros de obras, por serem mais atrativos e fazerem parte do dia-a-dia dos sujeitos. O educador deve estar atento a este leque de gêneros textuais que existe, adaptando a cada realidade e fazendo uso em sala de aula.

2.1.3 Produção textual - saberes sistematizados a passos lentos

A produção de textos é um recurso de grande importância na aula de língua portuguesa, por possibilitar aos educandos sistematizar uma fala da oralidade e transformá-la em texto significativo.

São os Parâmetros Curriculares Nacionais que estabelecem as discussões pedagógicas do ensino fundamental e recomendam suas ações para a língua portuguesa. Os mesmos trazem que a escola tem o dever de propiciar aos educandos situações didáticas de produção textual, que tenham como finalidade desenvolver as habilidades para trabalhos com textos na oralidade ou na escrita.

Os PCN (1997) afirmam que:

Formar escritores competentes supõe, portanto, uma prática continuada de produção de textos na sala de aula, situações de produção de uma grande variedade de textos de fato e uma aproximação às circunstâncias nas quais se

produzem esses textos. Diferentes objetivos exigem diferentes gêneros estes, por sua vez, têm suas formas características que precisam ser aprendidas. (PCNs, 1997, p. 49).

Sendo assim, estas propostas são bem interessantes, pois podem propiciar aos educandos criar uma variedade de textos na escola, além de contribuir que a escrita dos educandos possa se aproximar das práticas de escrita do mundo real, no qual estão inseridos. As escolas ou sua grande maioria não dá ênfase à produção de textos, deixando-a em terceiro plano, como um complemento à gramática, pois o educador que possibilita essa ação em sala de aula necessita de uma reflexão acerca de sua prática pedagógica.

A escola é a grande responsável em formar seus leitores e escritores, porém algumas práticas não possibilitam esse conhecimento para os educandos. A produção de textos deve ser constante e fazer parte do cotidiano da sala de aula. Para que os educandos possam construir textos é preciso que o educador realize os comandos, dando aos sujeitos estímulos e condições para os textos serem produzidos.

As condições escolares oferecidas para criação dos textos podem vir a somar, contribuindo para os educandos construírem textos com sentido, partindo do papel que cada sujeito desenvolve na sala de aula, podendo entender os elementos que constituem o texto em si e a situação de interação em que eles estão inseridos. Segundo Marcuschi: (2008, p.52) “O problema do ensino é o tratamento inadequado, para não dizer desastroso, que o texto vem recebendo, não obstante as muitas alternativas e experimentações que estão sendo hoje tentadas”.

Baseado no que o autor traz podemos perceber que existe uma inadequação para o uso do texto em aula, que concretiza na carência de elementos textuais que poderiam ser trabalhados em sala de aula pelos educadores, ajudando na produção textual. Os educadores não são criteriosos na escolha de textos para se usar em sala de aula, com isto fica mais difícil os educandos compreenderem as partes que constitui um texto.

É muito relevante a produção textual no ambiente da sala de aula. Ela possibilita aos educandos a escrita mais adequada. É importante o educador solicitar que seus educandos construam textos para outros interlocutores, criando textos com sentido para o escritor e para seu destinatário, trazendo no texto informações que possam estar ligadas a ambos na vida social.

A sala de aula, mesmo com suas dificuldades, é um espaço para criar nos educandos - crianças, jovens e adultos - o gosto pela leitura e pela produção de textos. É este ambiente o mais favorável para o crescimento dos sujeitos e a escola deve investir para que dê certo. A escola pode agir como a interlocutora para a produção de textos dos educandos, sendo de fundamental importância sua interferência, com o intuito de desenvolver diversas habilidades de leitura e escrita que possam atender ao seu contexto.

É fundamental o educador investir em produção de textos e como a mesma se dá, possibilitando aos educandos saber quem é o destinatário de seu texto, para que seu texto possa ter um maior sentido e uma visão de mundo mais abrangente. Os educadores, para trabalharem mais a produção de textos em sala de aula, se faz necessário repensar sua prática pedagógica, aprender a interagir com os educandos e possibilitá-los momentos de grandes descobertas.

É preciso criar o hábito de trabalhar a produção de textos em sala de aula, visto que a partir delas podem ajudar ao educandos a adquirir gosto pela escrita, não uma escrita morta, sem sentido, mas que traga sentido e emoção na hora da leitura, levando-os a alcançar o objetivo de se tornarem sujeitos críticos e ativos.

2.2 Textos - instrumentos para a linguística aplicada

Os textos são instrumentos que podem possibilitar trabalhar a linguística aplicada no ensino de português, buscando formar os educandos com potencialidades, tanto na oralidade, quanto na leitura e na escrita.

A partir dos textos trabalhados em sala de aula percebem-se estes como instrumentos que possibilitam trabalhar a linguística dentro de suas especificidades, com intuito de contribuir para o desenvolvimento dos sujeitos no ambiente escolar.

Os textos trazem muita variedade de palavras capazes de ilustrar, refletir o dia-a-dia dos sujeitos, interagindo e podendo com esta ação ajudar nos aspectos linguísticos que compõem a nossa língua portuguesa. A propriedade da língua, tanto oral como escrita, é essencial para a participação social eficaz já que dela os seres humanos se comunicam e têm ingresso a diversas informações, podendo se expressar e defender suas questões, construindo diversas visões e produzindo conhecimento.

Segundo os PCN;

O domínio da língua, oral e escrita, é essencial para a participação social efetiva, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento. Por isso, ao ensiná-la, a escola tem a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes linguísticos, necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos. (PCNS pg. 15)

Tomando como base os PCN é de grande importância a escola ensinar todos os saberes linguísticos aos educandos, pois estes são imprescindíveis para o desenvolvimento dos sujeitos e de grande relevância para o pleno exercício da cidadania, visto ser um direito que não pode ser negado aos educandos, crianças, jovens e adultos. A escola é responsável em garantir esse direito aos educandos. É ela que pode favorecer a ampliação dos conhecimentos que os alunos já possuem que lhes permitem assumir como cidadãos, capazes de construir diversos textos nas mais variadas situações da sala de aula e fora dela.

A escola deve estimular os educandos a atingir seu desenvolvimento linguístico, com os diversos conteúdos em que é dividido o ensino. Essa fragmentação não consente aos educandos pensar e agir sobre a linguagem, o que os educandos fazem é decodificar e depois avaliar a língua, tendo como consequência o fato de os educandos não desenvolverem suficiente à competência linguística.

O educador precisa entender que o ensino da língua não se fundamenta apenas na gramática, o educador de língua portuguesa não tem o papel de fazer com que os educandos adquiram somente a variante da língua, mas proporcionar que eles possam aumentar seus conhecimentos com variantes regionais. Os conteúdos da gramática devem levar em consideração os conteúdos de textos próprios dos educandos e de outros autores de lugares diversos do nosso país.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais destacam que o ensino de gramática não pode ser deslocado da leitura e das produções textuais dos educandos, pois estes se configuram um conjunto. Portanto, se for necessário fazer cortes para facilitar o estudo, estes devem estar pautados em outros elementos do processo. Com isto, as unidades de gramática, como texto e produção de textos, devem estar sempre articuladas para facilitar a aprendizagem dos sujeitos.

Na sala de aula muitos educandos têm grandes dificuldades de escrita e escrevem como falam. É de grande importância que a instituição escolar trabalhe a oralidade, apontando as diferenças e as semelhanças dessas duas partes linguísticas. A

fala e a escrita. O educando deve compreender que não tem uma gramática pronta para a língua falada, pois há diferenças lexicais de textos falados e textos escritos, visto que a escrita é um processo maior do que a língua oral.

Segundo os PCN, a linguística possui em nosso país muitas variantes dialetais e identifica geográfica e socialmente as pessoas por meio da fala. Há muitos preconceitos entorno de como as pessoas falam. É tão fácil desconsiderar as variantes linguísticas. A escola deve trabalhar esse preconceito, chamando a atenção para o respeito às diferenças, desmistificando que existe apenas uma forma certa de falar e sim mostrar para os educandos que são muitas as formas de expressão oral.

A escola cuida da linguística e trabalhar de forma que os educandos possam se desenvolver e se apropriar de saberes necessários à vida social.

CAPITULO 3- ERA UMA VEZ... NA SALA DE AULA.

“O contador de Histórias é aquele que traz o coração nas mãos”

Maria da Penha

3.1 Os saberes dos educandos na educação de jovens e adultos

Os educandos de EJA têm consigo muitos saberes a ser divididos em sala de aula, pois cada um traz uma vivência que lhe possibilitou acumular uma bagagem de saberes que pode ser compartilhada, havendo uma troca, na qual um aprende com o saber do outro. Educando/ educador.

Ao longo da vida dos educandos de EJA, muitas aprendizagens adquiridas e experiências de vida foram construindo um castelo de saberes, que podem ser explorados durante as aulas. Pois, seus saberes possibilitam novas aprendizagens, no contexto da vida de cada um. Segundo SANTOS (2000, p. 56) “As experiências dos alunos, seus conhecimentos práticos, sua inserção cultural são aspectos fundamentais a serem considerados pelas práticas pedagógicas”.

Em sala de aula de EJA, o educador deve estar aberto para o diálogo, pois partindo daí os saberes dos educandos envolvidos no processo de aprendizagem podem vir a contribuir para a manifestação de saberes que estão escondidos e, muitas vezes, por diversos motivos, os educandos não conseguem se colocar. A EJA é um ambiente de muitos saberes e possibilita muitas vivências, oportunizando que os educandos possam repassar esses saberes e o educador fazendo utilização para o próprio desenvolver dos sujeitos. Segundo a VI CONFINTEA (2009 p.28)

A EJA é também espaço de tensionamento e aprendizagem em diferentes ambientes de vivências que contribuem para a formação de jovens e adultos como sujeitos da história. Nesses espaços, a EJA volta-se para um conjunto amplo e heterogêneo de jovens e adultos oriundos de diferentes frações da classe trabalhadora.

A EJA tem muito a contribuir na sistematização dos saberes dos educandos, essa modalidade de ensino pode ajudar com vários aspectos que possibilitem aos sujeitos ser protagonistas de sua própria história. Os saberes que os educandos da Educação de Jovens e Adultos têm são consequência de anos de experiências de momentos vividos que lhe possibilitaram saberes da vida.

É significativo na EJA trabalhar o conhecimento dos sujeitos. Considerar os saberes é propiciar que os atores desse processo sejam beneficiados, permitindo que

utilizem o que sabem. É melhor do que tentar criar um novo saber no educando para só então a partir dele poder haver o processo de ensino e aprendizagem, cria-se novos e utiliza os que têm.

Falar nós sujeitos da Educação de Jovens e Adultos é compreender que ao longo da vida tiveram muitas privações, pois oriundos das classes populares de maioria trabalhadores que deixaram de estudar cedo para ir pra o mercado de trabalho em busca de uma vida melhor, não conseguiram retomar a escola cedo, muitos voltaram depois de anos e de realidades vividas que refletem em suas vidas de forma muito intensa.

A modalidade de EJA tem como finalidade permitir aos sujeitos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem uma serie de possibilidades que os favoreçam crescer, em todos os aspectos, não só na leitura e escrita, mas dividir momentos vividos, saberes adquiridos no decorrer de cada existência. De acordo com a VI CONFINTEA (2009 p.27)

Primeiramente, cabe abordar a concepção ampliada de educação de jovens e adultos, que entende educação pública e gratuita como direito universal de aprender, de ampliar e partilhar conhecimentos e saberes acumulados ao longo da vida, e não apenas de se escolarizar. Em outras palavras, os educandos passam a maior parte de suas vidas na condição de aprendizes e, portanto, muitas são as situações de aprendizado que vivenciam em seus percursos formativos.

Diante do que traz a VI CONFINTEA, podemos observar que uma das concepções da Educação de Jovens e Adultos, é criar espaços que favoreçam a partilha dos saberes adquiridos durante toda a vida. Estes saberes são de grande relevância na vida dos sujeitos e na sala de aula para o educador, pois a partir do momento que o educando passa a ser o centro do processo muito pode vim a favorecer o desenvolvimento de cada sujeito envolvido no processo de ensino e aprendizagem.

Durante a vida dos educandos em sua grande maioria muitos são apenas aprendizes, se o educando de EJA cheio de experiências ricas, saberes importantes advindo da longa caminha de aprendizes não se sentir no processo de ensino e aprendizagem favorecido o mesmo não conseguirá prosseguir em sala de aula. Pois, achará que durante toda sua vida não adquiriu nenhum saber importante para dividir durante as aulas.

A EJA é um ambiente de afinidades para muitos educandos e também de muito diálogo entre vários saberes, de compreensão e de importância da experiência da sabedoria para o crescimento desses educandos durante a formação dos sujeitos. O educador que dá ênfase ao saber do educando está contribuindo para sua vida social e

profissional, como também na vida dos educandos da sala de aula, havendo a aprendizagem de novos saberes.

3.1.1 A oralidade no ensino de língua portuguesa

Pensar em oralidade muitas vezes vem à mente que é só conversar e gastar tempo, quando ele poderia ser mais bem aproveitado com leitura e escrita. Infelizmente é assim que é pensado por muitos educadores, mas a oralidade no ensino de língua portuguesa vem para ajudar no desenvolvimento dos educandos tímidos a se expressarem com intuito de contribuir não só para a sala de aula, mas para a vida.

Em uma sociedade na qual os sujeitos não conseguem se expressar por não ter estudado muito, faz com que alguns educandos de EJA se sintam inseguros ao falar algo relacionado a si ou não. É relevante, nesse momento, a fala do educador, mostrando que isso não deve ser um empecilho para que eles não relatem momentos de suas vidas. Mostrar que tais relatos podem vir a ajudar na aprendizagem da leitura, escrita e a desenvolver a própria oralidade no ensino de português, de forma que eles comecem a falar melhor, aprimorando, desse modo, seus relatos de experiência.

No caso dos educandos que têm dificuldades de se expressar na oralidade por receio de falar incorreto e como atenuar esse comportamento, Lyons (1976, p.11) assevera:

A realização oral da língua apresenta divergências e dessimetrias absolutas, em grande número de pontos, com a realização escrita, não havendo identidade perfeita, muitas vezes, entre fonemas e a maneira de representá-las na escrita. O alfabetizando precisa incorporar essa relação simbólica entre som e grafia. Para isso é necessário que seja sentida a importância da leitura e da escrita e que exista alguma vantagem tangível ou implícita no resultado da aquisição dessa habilidade.

Essa realização que o autor traz é uma realidade de oralidade vivenciada por muitos educandos de EJA. Com frequência, muitas falas não são proferidas, como já foi dito anteriormente, e, quando essas são passadas para o papel, a dissonância entre fala e escrita aparece. O ensino de português na oralidade pode possibilitar a esses sujeitos a habilidade de falar como se escreve de maneira simples e correta. Segundo Lira (2012, p.21)

Agora, lança-se o questionamento: o que dizer ou fazer com os nossos alunos, nos momentos pedagógicos de aula, diante de tais eventos comunicativos. Em primeiro lugar devemos levá-los a ter um profundo respeito pelas variações linguísticas que, antes de serem erros, são apenas modos diferentes de falar que fogem da norma prescritiva convencional; em seguida, informar da utilidade de se aprender a variedade norma-padrão como instrumento de garantia da unidade de escrita e a conseqüente preservação da língua.

No ensino de língua portuguesa, o discurso oral e o discurso escrito se dão de forma diferente, pois na língua escrita exige explicitar mais significados, na língua oral é expresso de forma verbal, como em gestos, por exemplo. Tudo isso faz com que a oralidade seja vista como mais simples. Entretanto, não cabe, por isso, retirar dela sua importância no ensino de língua portuguesa.

Lyons (1976, p. 14) aponta que “a criança deverá compreender a língua escrita como representante da língua falada”. A partir dessa fala do autor, olhando para EJA, os educandos, em sua maioria adulta, como vão compreender que a escrita deve ser falada conforme se escreve, se o educador não for trabalhando a oralidade em sala de aula? O educando não se manifestará sem medo de errar, já que não está sendo trabalhado no ambiente escolar.

A fragilidade é percebida em muitas salas de aula nesse momento da leitura, pois a dificuldade da oralidade é muito presente na sala de aula de EJA e necessita ser trabalhada. Percebendo que eles não conseguem se sair bem na hora de fazer a leitura e sentem-se tímidos e não transmite o que foi construído, durante as aulas de português. Entra aí o papel dos educadores, o de passar para os educandos segurança e explicar que ali todos estão aprendendo e que ninguém irá se manifestar contra, que todos estão aprendendo e aquele exercício faz parte da aula, e que a oralidade vai favorecer o desenvolvimento de cada um.

Ao trabalhar o ensino de português visando a melhorar a oralidade dos educandos, neste caso, a expressão da fala, e trazendo como recursos textos para a contribuição nas leituras feitas em sala de aula, o ensino de português terá mais sentido para esses aprenderem, partindo de textos com temas geradores que possibilitem significados para os educandos.

A dificuldade na linguagem acaba afastando os educandos de EJA das aulas de Português, pois esses já apresentam essa dificuldade há muito tempo, tendo passado por diversos educadores que não perceberam essa dificuldade e não trabalharam com eles para supri-la. O educando, então, abandona a escola por conta da habilidade que se espera que seja simples adquirir e desenvolver em um ser humano – a oralidade.

3.1.2 Histórias de vida na sala de aula

Na EJA, aproveitar a realidade é, sem sombra de dúvidas, bastante significativo. A realidade pode subsidiar o trabalho do educador, ao perceber que os educandos se sentem bem ao contar histórias. Deve-se usar este meio para favorecer o processo de ensino e aprendizagem, no qual estaremos fazendo a realidade nossa cúmplice, pois o educador necessita a cada dia valorizar as histórias de vidas dos educandos, ainda mais quando eles sentem prazer em contar.

Sisto (2001, p.100) afirma que “A contação de histórias no âmbito da sala de aula é um dos recursos que estão à mão do professor para fazer com que seus alunos se aproximem do mundo da leitura [...]”.

A contação de história é bem vinda em uma sala de aula na qual pode possibilitar aos educandos crescimento em muitos aspectos, de suas vidas ainda mais, por serem histórias verdadeiras. Sisto (2001, p. 91) diz que “O homem já nasce praticamente contando histórias”. Está inserido numa história que o antecede e com certeza irá sucedê-lo. “A vida se organiza em história, tem um fio condutor, uma linha temporal e evolutiva”.

A contação de histórias na sala de aula é um recurso que está nas mãos do professor, pois este pode possibilitar aos educandos uma maior aproximação ao mundo da leitura. É de grande importância o educador apostar na diversidade de histórias, pois essa ação poderá contribuir para um maior interesse. Segundo Sisto (2001, p.102):

Para captar a atenção do aluno, o professor precisa contar histórias de uma maneira inusual, diferente da maneira como o aluno o vê no dia a dia da sala de aula. E isso não significa simplesmente ler uma história. Se o professor puder contar a história de memória, sem precisar ler, certamente isso vai causar maior impacto na sua plateia. Se a história for contada com o livro na mão ela precisa ser preparada antes, precisa ser estudada.

Sisto (2001) aponta fases para que a contação de histórias seja interessante e possibilite aos educandos sensações de prazer. Na fase da escolha é importante o educador escolher histórias que os deixe curiosos, interessados, que possam estar ligadas ao contexto dos educandos, que sejam histórias que apresentem características de um texto literário, histórias que possibilitem debates importantes na aula. Em seguida vem a fase da preparação. Essa, por sua vez, é aquela de se familiariza com a história escolhida, lê e relê, utiliza o mesmo tom da fala do começo ao fim, faz gestos pensados

e ensaiados, usando o corpo, explorando a voz, criando vozes à medida que vai lendo a história. Na última fase, a da contação, é importante tornar o local acolhedor, fazendo alguma atividade dinâmica, a fim de introduzir a história. Não se deve explicar a história e ao fim dela não pedir para os educandos recontar partes da história que não lhes trouxeram muito entusiasmo, que não gostaram. O importante é fazer relação com a temática estudada em sala.

Diante dessas fases que o autor aponta, os educandos podem ir assimilando para então entrar em cena. O educando adulto está muito aberto a novas formas de aprendizagem e o educador trabalhando em sala de aula através de relatos de vida será de grande relevância.

Os educandos têm histórias que os precedem e essas novas histórias devem e podem ser contadas durante suas vidas. É importante o educador entender que as histórias de vida que os educandos trazem para o ambiente escolar são algo muito intenso e que pode fazer a diferença em uma sala de aula.

Acreditando que a aprendizagem é bem mais concreta, partindo de histórias de vida, e o educador se fizer uso do que tem em sala, da diversidade que forma a sala de aula, e entender que se aprende melhor o que já se sabe, pois as histórias contadas em salas irão trazê-los a se revelar e a se comportar como sujeitos que têm voz e vez, não só na sala de aula, mas na vida em sociedade, a oralidade terá grande chance de ser trabalhada de forma construtiva e repleta de sentidos para os educandos.

Partindo do que o autor apresenta no decorrer desse tópico entende-se que, ao longo do tempo, nossas vidas são organizadas como uma história, porque vamos construindo a cada dia vivido um novo capítulo para aquela história, e uma página pode ser escrita a partir da história contada em sala. Vai-se construindo um novo aprendizado, usando como fio continuado para a evolução do educando. As aprendizagens vão surgindo ao longo em que o educador vai fazendo uso das histórias de vida em sala de aula, tendo como intuito que os educandos apreendam os conteúdos da aula, como também prepará-los para enfrentar a vida como sujeitos ativos que são utilizando aqueles conteúdos de forma crítica e oportuna.

Os educandos têm muitas coisas para contar, um caso aqui outro acolá, sejam histórias vividas na cidade ou no campo, ou até histórias de família. De tudo os educando têm um pouco para contar e podem usar essas histórias para que cresçam em sala de aula. É muito gratificante tal metodologia, pois as experiências e vivências dos educandos podem fazer a diferença no ensino de Português e, mais ainda, fazê-los

perder a inibição de falar, contribuindo no desenvolvimento da oralidade de forma mais acentuada. Ainda segundo SCLiar (1984, p.11).

Palavras. São tudo, para quem escreve. Ou quase tudo. Como a serra, o martelo, a plaina, a madeira, a cola e os pregos para o marceneiro; como a colher, o prumo, os tijolos e argamassa para o pedreiro; como a fazenda, a linha, a tesoura e a agulha para o alfaiate. Estou falando em instrumentos de trabalho, porque literatura nem sempre parece trabalho. Há uma história (sempre contando histórias, Moacir Scliar! Sempre contando histórias!) sobre um escritor e seu vizinho.

O autor traz em suas palavras que as histórias são frequentes e todos contam histórias, seja qual for, e que as mesmas são valiosas, pois, através das palavras, muitas habilidades podem surgir. A contação de histórias é um rico instrumento que o educador pode usar para ajudar no desenvolvimento de dificuldades de oralidade que possam aparecer em sala de aula.

CAPITULO 4- OS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

O percurso metodológico se refere ao caminho trilhado para que você atinja os objetivos que decidiu. Aqui você também deverá explicitar os instrumentos que utilizará na investigação e as fontes de pesquisa. (GONSALVES, 2005, P. 63)

Este trabalho vem propor uma pesquisa de natureza aplicada, a de campo. Para ter uma visão do lugar que se busca conhecer é preciso pesquisar o campo no qual se procura encontrar respostas que favoreçam a uma conclusão a respeito do que será pesquisado. Isto se faz necessário em um trabalho de campo o qual se apresenta como um meio de aproximação do pesquisador na busca por informações. Segundo (GONSALVES, 2005, p. 67)

Denomina-se pesquisa de campo o tipo de pesquisa que pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada. A pesquisa de campo é aquela que exige do pesquisador um encontro mais direto. Nesse caso, o pesquisador precisa ir ao espaço onde fenômeno ocorre- ou ocorreu- e reunir um conjunto de informações a serem documentadas. (GONSALVES, 2005, p. 67)

O trabalho de campo é importante para a conquista de saberes do pesquisador, pois entra em contato com os sujeitos a serem pesquisados, sendo o objeto de estudo que permite ao pesquisador um infinito leque de procedimentos e descobertas relacionado à pesquisa.

Foi também realizada a pesquisa participante, que é um procedimento em que as pessoas envolvidas participam na análise de sua realidade, com intuito de promover uma transformação em seus próprios benefícios. Ou seja, é uma pesquisa que é educacional e orientada pela ação. Segundo (SILVA; MENEZES, 2005, p.22) “A pesquisa é participante quando se desenvolve a partir da interação entre pesquisadores e membros das situações investigadas”.

Este tipo de pesquisa dá vez aos sujeitos investigados na situação, pois interage com os mesmos, fazendo-os ativos nesta investigação e mostrando os resultados obtidos, com propósito de contribuir de forma valiosa com os sujeitos pesquisados.

A pesquisa realizada foi de forma exploratória através da abordagem qualitativa sendo a coleta de dados, nesse caso a gravação, feita durante a pesquisa de campo, que ajudou no desempenho e desenvolvimento do trabalho. Para GONSALVES (2005, p. 67),

A pesquisa exploratória é aquela que se caracteriza pelo desenvolvimento e esclarecimento de ideias, com o objetivo de oferecer uma visão panorâmica, uma primeira aproximação a um determinado fenômeno que é pouco explorado.

A forma de pesquisa exploratória é bastante relevante, pois possibilita ao pesquisador esclarecer ideias a respeito do que está sendo pesquisado. A partir daí o pesquisador pode conhecer melhor o ambiente e, tendo uma visão geral do que se deseja pesquisar, poderá ter uma aproximação favorável a pesquisa.

Neste trabalho se deu ênfase também à pesquisa qualitativa que está atenta em compreender e interpretar os fatos de acordo com o sentido que o outro dá. Para GONSALVES (2005, p. 69),

Pesquisa qualitativa preocupou-se com a compreensão, com a interpretação do fenômeno, considerando o significado que os outros dão às suas práticas, o que impõe ao pesquisador uma abordagem hermenêutica. Atualmente, coloca-se como necessidade a superação deste dualismo. É necessário distinguir níveis de intensidades presentes em cada pesquisa quando se trata da natureza de dados.

A abordagem qualitativa foi de grande relevância para a construção do trabalho, já que acompanhar os sujeitos em seus níveis de aprendizagem é muito significativo para a pesquisa em foco.

Os sujeitos da pesquisa foram oito (08) trabalhadores homens da construção civil, estudantes do Programa Escola Zé Peão, na sala de aula da empresa TWS localizada no bairro de Altiplano na cidade de João Pessoa/ PB, na qual a pesquisadora atua como educadora mediadora no processo de ensino e aprendizagem.

Os mesmos foram escolhidos por se tratar de uma sala de aula, na qual a oralidade se faz muito necessária para o desenvolvimento dos sujeitos, no cotidiano da sala, para possibilitar uma maior interação na vida em sociedade.

Como instrumento da pesquisa foi utilizada a gravação audiovisual, registrando as histórias de vida dos educandos, em um telefone celular, à medida em que os mesmos iam se expressando no decorrer das aulas.

A ação se deu nas aulas facilitadas aos educandos, partindo de conteúdos sociais disponibilizados pela coordenação do Projeto Escola Zé Peão para as aulas no canteiro de obras.

Os temas trabalhados em sala apresentados nesta pesquisa e as histórias de vida dos educandos tiveram como intuito contribuir para o desenvolvimento da oralidade no ensino de português na sala de aula de EJA, foram estes: Trabalho e Festas Juninas.

Por meio dessas histórias parece ser possível avaliar o nível de linguagem oral apresentado pelos sujeitos, buscando em seguida fornecer *feedbacks* ao educando, de forma a buscar melhoria na aprendizagem dos educandos, informando-os de seus avanços, de suas dificuldades em relação aos conteúdos estudados e orientando como a oralidade pode vir a contribuir para maximizar a aprendizagem significativa.

CAPÍTULO 5 - ANÁLISE DE DADOS E RESULTADOS DA PESQUISA

“Define o método como caminho para se chegar a determinado fim.”
GIL (2006, P.26)

A pesquisa é uma ação importante e tem como finalidade apresentar respostas ao problema investigado.

Gil (2002, p.17) afirma que:

Pesquisa é o procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. A pesquisa é requerida quando não se dispõe de informação suficiente para responder ao problema, ou então quando a informação disponível se encontra em tal estado de desordem que não possa ser adequadamente relacionada ao problema.

Para atingir os objetivos desta pesquisa foram analisadas as gravações das histórias de vida dos educandos coletadas durante as aulas no canteiro de obra do Programa Escola Zé Peão. Posteriormente foi realizada uma análise interpretativa.

As gravações em sala de aula só foram possíveis devido à confiança ganhada dos educandos no decorrer das aulas. Essa convivência permitiu que os educandos se sentissem seguros para relatar suas histórias de vida.

Foi analisada a dificuldade de expressão oral dos educandos relacionada ao ensino de português. A análise de dados foi feita através da pesquisa de natureza qualitativa, que interpreta a fala dos atores que é colocada em seu contexto para ser mais bem compreendida.

São primordiais as experiências dos educandos no processo de ensino e aprendizagem da língua portuguesa. Os educandos percebem que na sala de aula a educadora dá importância e valoriza os conhecimentos adquiridos no decorrer da vida, suas culturas e suas histórias, podendo o educador usar isso para fortalecer o ensino e aprimorar sua prática pedagógica, com intuito de contribuir no desenvolvimento da aprendizagem dos sujeitos.

Como educadora de EJA, a pesquisadora deste trabalho deve perceber, bem como todos os pesquisadores dessa modalidade de ensino, que quando os educandos relatam em seus pequenos textos escritos as histórias de suas vidas, eles vão contá-las sistematizando-as. E isso contribui para a expressão tanto da linguagem oral quanto da linguagem escrita. Parece haver um maior prazer em aprender o Português, e por serem histórias reais ficam mais à vontade e abertos à aprendizagem, pois, a partir do momento que educadores escutam histórias tornam-se mais próximos desses sujeitos.

Durante a gravação das histórias dos educandos percebeu-se um maior interesse dos mesmos em contar suas trajetórias e, portanto, a oralidade começou a ser trabalhada. Criou-se, dessa forma, um ambiente que favoreceu a fala e o interesse de se expressar oralmente, apesar de não serem muito estimulados anteriormente e ainda muito tímidos para falar. Percebeu-se que se sentiram desafiados a contar as histórias, resignificando-as e transformando suas vidas. Em suas falas sobre trabalho afirmam:

“ O trabalho... Na minha vida eu consegui tudo, mas se não fosse o trabalho, eu não teria nada. Com o trabalho eu consegui comprar uma casa para mim, é isso... Consegui ter uma família, já que lá no meu sertão eu não consegui pela dificuldade. É mais ou menos isso. (Educando 1)

Constatou-se na fala do educando, com o tema trabalhado durante a aula, que a o mesmo contava rapidamente sua história, omitindo algumas palavras, a exemplo das paradas na fala, representadas pelas reticências no texto acima. Logo após as paradas, o Educando 1 não conseguindo articular as palavras que terminariam sua ideia concluía com expressões que dão ideia de término, como se pode citar “é isso” e “É isso ou mais ou menos isso”. Tal procedimento deu a impressão de que este queria logo se “ver livre” daquele momento, como se tivesse pressa em falar, por medo de se expressar. Este procedimento revelou que a educadora precisaria trabalhar uma metodologia que pudesse ampliar o vocabulário.

“ Vou contar para vocês a história para todos possam escutar à respeito da casa que perdi. Ah, professora a minha história é o seguinte: vou contar agora. É que eu no Rio consegui construir uma casa que eu morava de aluguel e depois que eu fiz isso a perdi com tudo que tinha dentro. Perdi minha casa, vim para o interior, comprei outra, agora estou bem tranquilo.”(Educando 2)

O Educando 2 revela um dos traços da oralidade na contação de histórias que é a musicalidade já expressa no início da contação. A expressão “vou contar pra vocês” lembra até uma canção popular regionalista de Luiz Gonzaga. Além do traço acima citado, outro da oralidade na contação de histórias também pode ser notado - a figura de linguagem denominada anáfora. A expressão “vou contar” nos trechos “Vou contar pra vocês a história...”, “ vou contar agora” é usada de forma repetida no início das frases, por, talvez, não encontrar palavras sinônimas e/ou pretender anunciar o que iria contar querendo que todos ouvissem, como caracteriza todo contador de história.

“O trabalho pra mim sempre foi tudo né? Porque é onde eu tiro o sustento de minha família, certo? Vendo o antes e o depois, hoje a situação está muito melhor professora. Pois quando eu era criança, aos 10 anos já trabalhava, mas eu não conseguia nada não, porque era no tempo da agricultura. Mas depois que eu comecei a fixar em 91 tudo ficou melhor, conquistei minha casa e o sustento da minha família.” (Educando 3)

O Educando 3 parece trazer em sua fala necessidade de confirmação do que está contando, marcada por perguntas que finalizam com expressões “né” e “certo” caracterizando a função fática da linguagem. A referida função é própria da conversa em que aquele que está falando quer ter certeza de que está sendo ouvido, entendido e, algumas vezes, que o que está falando está sendo aprovado por quem escuta. A oralidade usada, portanto, parece revelar a necessidade de autoafirmação do sujeito pesquisado.

“Eu professora, com a vida que eu tinha já conquistei tanta coisa, nós morávamos numa casa velha lá no sitio, eu trabalhei cortando cana de açúcar. Era vida sofrida e cheia de perigo; o serviço é pesado e ao sol, eu me considero um guerreiro.” (Educando 4)

O Educando 4 expressa na contação de sua história, a respeito do tema gerador “trabalho”, novamente a musicalidade, caracterizada como se fosse uma embolada, estilo de música bastante popular regionalista. O sujeito pesquisado consegue mostrar coerência e coesão em sua fala. Há uma lógica, uma sequência nas suas ideias, deixando transparecer seu pensamento, além da forma que ele juntou uma ideia a outra com unidade. Assim pode-se dizer que a oralidade desse sujeito apresentou coerência e coesão textual.

“Antes de eu trabalhar na construção civil eu trabalhava na roça com meu pai, as coisas era tão difíceis, professora. Minha família era grande, tinha dia que nós comíamos farinha, por que não tínhamos o que comer. Mas hoje, graças a Deus, com a construção civil as coisas melhoraram muito e meus irmãos e eu não passamos mais dificuldades. Nós conseguimos sustentar nossa família. Está bom professora, gosto muito de falar não os outros falam mais.” (Educando 5)

O Educando 5, em seus dizeres “Está bom, professora”, “gosto muito de falar não os outros falam mais” revelam que ele não gosta de falar muito podendo ser por conta da insegurança com a oralidade, já que é tímido. Portanto a oralidade, neste momento, parece ser limitada pela timidez.

“Eu trabalhava na roça quando eu era mais novo, a lavoura era muito pesada, era difícil. Nós plantávamos milho e feijão. As coisas eram tão difíceis, eu não tinha condições e inventei de casar, tendo que trabalhar pesado para sustentar as crianças. Eu vim trabalhar na construção civil em 92, não aguentava mais trabalhar na roça e faltar tudo dentro de casa. Mas hoje não falta nada, o trabalho aqui é muito bom.”(Educando 6)

O Educando 6 parece trazer em sua fala traço da contação de histórias, ao usar a expressão “era” repetidamente. Isso leva a crer que algo no passado era assim, mas que hoje não é mais. A ideia, então, parece reforçar que as dificuldades econômicas por quais ele enfrentavam são coisas do passado. O uso do termo “era” parece indicar maior facilidade para contar histórias, já que é bastante usado na literatura e linguagem oral.

“Minha história com o trabalho professora é de muita luta, primeiramente quando eu completei idade suficiente, fui para o Rio de Janeiro e passei três anos lá trabalhando pesado. Quando arrumei um dinheirinho para voltar à minha terra, eu vim comprei uma barraquinha e fui me mantendo. Trabalhei na barraca vinte cinco anos, casei, tive filhos, então eu enjoiei e vim trabalhar na construção civil, tá bom?”(Educando 7)

O Educando 7 demonstra em sua história contar por obrigação, não sendo uma forma natural, espontânea. Ele fala porque é a proposta falar. Essa dedução pode ser confirmada na expressão final da frase “tá bom?”. A educadora pode, nesse caso, estimular o educando a desenvolver sua oralidade por meio de técnicas de interpretação com auxílio de gêneros textuais mais comuns ao cotidiano dele, a exemplo da piada. Este gênero poderá vir antes mesmo da contação de histórias.

“Eu já consegui, professora, comprar com meu trabalho minha casa que eu não tinha. Graças a Deus, pois ele me deu com o suor do meu trabalho. Eu morava no que era dos outros desde pequeno e sofremos muito com isso. Hoje já tenho minha motinha que eu não sonhava nem em ter, pois a vida de pobre é difícil. Estou aqui trabalhando em João Pessoa, trabalhando e lutando”. (Educando 8)

O Educando 8 usa muito o gerúndio para se referir a seu momento presente de luta por dias melhores. Os termos “trabalhando” e “lutando” no trecho “estou aqui trabalhando João Pessoa, trabalhando e lutando” levam a inferir que, talvez, o momento presente é o que verdadeiramente importe a ele. Essa é uma ótima oportunidade de a

educadora trabalhar junto aos alunos os tempos verbais e as formas nominais, mostrando ao grupo a importância desses para a oralidade.

Os educandos têm inúmeras histórias para contar, isto é percebido a partir do momento em que se lança um novo assunto a ser trabalhado contextualizado com suas vivências, começam a surgir pequenas histórias, porém contadas de forma que quase não se escuta de tão baixo, pela vergonha de socializar com os outros ou até mesmo pela forma de falar que ainda não corresponde às expectativas da escola formal.

No cotidiano, enquanto pesquisadora (e educadora) foi constatada a importância do ensino de português na vida desses educandos e como o mesmo pode contribuir em suas aprendizagens em sala de aula, levando-os a se expressarem melhor, tornando-os sujeitos mais ativos durante as aulas, se impondo e valorizando cada vez mais seus saberes.

O processo de ensino e aprendizagem no canteiro de obras é feito a partir de temas geradores que são trabalhados e contextualizados, levando a valorização dos saberes dos educandos que trazem como suporte, favorecendo a aprendizagem. Com os temas estudados em sala de aula, cria-se uma ponte entre a realidade dos educandos, ou seja, os educadores tornam-se facilitadores, estimulando os educandos a participarem ativamente das aulas expondo suas histórias, promovendo o desenvolvimento da sua aprendizagem de forma bem significativa.

É importante destacar que, a partir das histórias, os educandos tem a oportunidade de se manifestar na sala de aula e conseqüentemente na sociedade de um modo geral, pois sabem que é importante falar e que todos merecem respeito, pelas histórias de vida que cada um carrega, sejam histórias de alegrias constantes ou tristezas sem fim. Cada sujeito tem sua particularidade, pois a história de um é diferente do outro, mas não o faz nem superior nem inferior a ninguém.

Há uma necessidade de se trabalhar a oralidade, pois o que se vê e que nessas histórias se apresentam é a dificuldade de falar o que sabem, o que é da vida deles, e como eles sabem, sem se preocuparem com o outro.

Todos os educandos apresentaram a mesma dificuldade que é a falta de argumentação em suas falas apressadas, por conta do receio de falar em público. É relevante usar as histórias de vida desses sujeitos para favorecer a leitura a escrita e a oralidade, focando principalmente nesta última.

No segundo tema trabalhado em sala de aula “festas juninas” foi mais tranquilo para os educandos contar histórias de vida. Tal facilidade para o relato parece ter

ocorrido pela maior confiança estabelecida entre educadora (pesquisadora) e educando, demonstrada pela extensão dos textos orais. Esses, por sua vez, mais longos. Os educandos foram instigados pela pesquisadora ficando mais participativos, falando abertamente, por que o trabalho de oralidade já vinha sendo feito, durante alguns meses. Podemos perceber isso nas seguintes falas:

“Eu me lembro que o são João quando éramos rapazes costumava ser mais alegre, sabe, por que tinha um grande inverno, a colheita era grande, minha mãe fazia canjica e nós assávamos milho na fogueira. Eu me lembro, professora, que meu pai comprava churros pra nós soltarmos. Coisas simples. Aquele tempo é muito diferente de hoje, mudou muito, tinha mais forró pé de serra, hoje tem é funk. Pela minha idade, eu não aceito essas brincadeiras de hoje, tão diferentes do tempo passado. Eu me lembro que quando tava perto do são João meu pai dizia bem assim, vocês não façam coisas erradas; seja meninos de família, e eu e sua mãe iremos levar vocês para feira e comprar roupa nova. Então graças a Deus nos comportávamos bem, e eles levavam a gente e era uma festa só. Falar nesse tempo dá saudade.” (Educando 1)

“Professora no tempo dos meus avós, o são João era no sítio. Nós fazia a festa lá na casa deles. Era tradição, só com forró pé de serra e eu me lembro que ia muita gente da cidade pra lá. As moças e os rapazes iam todos arrumar namorados e dançar a noite inteira. Era o povo da cidade de: olho da água, Emas, Catingueira que era mais próxima. Ia todo mundo pra lá, e a gente ia pro forró com a família, uma grande fogueira, amanhecia o dia e passávamos a noite queimando a fogueira. Eu tinha uma namorada lá do sítio Matuto e nós passávamos a noite todinha dançando e namorando. Tinha tanto milho, hoje num tem mais por conta do inverno que foi fraco, lá em Emas tinha um são João muito diferente do daqui, a tempo bom” (Educando 2)

“Ah, professora... quando fala em são João eu me lembro de quando eu tinha 15 anos. Eu ia para os forrós, ia de um canto a outro. Não parava, ia para os forrós com os amigos. O que marcou foram as fogueiras. Os forrós eram no sítio que eu morava, sítio ribeiro novo. Tinha forró a noite toda, o sítio eu acho até mais animado que a cidade, professora, a cidade nunca me chamou atenção por que as moças de lá num queriam casar e eram todas cheias de besteira. O São João para mim é o meio do ano e representa fartura.” (Educando 3)

“Festa Junina representava para mim o momento de arrumar namoradas. Eu ficava com minha família na beira da fogueira, era uma festa boa e animada que relembra muito o passado. E hoje, olhando para trás, eu vejo que eu vivi com minha

família muitas coisas boas. O são João foi um momento muito bom da minha vida. Eu me lembro que minha mãe fazia canjica e nós íamos levar para minha avó; ela dava um dinheirinho para nós comprarmos roupa nova, para sair para o forró.” (Educando 4)

“Quando eu penso em são João, eu me lembro da fartura, dos milhos e das comidas que minha mãe fazia lá em Piancó. Quando eu cresci, que virei rapaz, eu ficava contando os dias para chegarem os forrós pois era a melhor época de arrumar namorada. Eu arrumei uma namorada num forró e tive até um filho com ela. Esse forró deixou um prêmio importante para mim: um filho.” (Educando 5)

“São João é alegria, professora. É tempo de muita comida de milho. Na minha infância era tão difícil, lá na minha cidade não tinha festa, a animação do forró era mais em casa mesmo; reuníamos os amigos ao redor da fogueira, nós fazíamos a brincadeira de tomar um amigo para padrinho de fogueira. Nós arroteávamos a fogueira dizendo umas palavras e a partir dali a pessoa já era afilhada de fogueira. Eu me lembro dessa brincadeira pois até hoje me lembro de minha madrinha de fogueira, então é isso professora.” (Educando 6)

“Naquele tempo era bom, eu gostava muito de ir pro forró, de comer pamonha. Uma vez arrumei uma palhaçada danada lá no forró. Eu inventei de chamar uma namorada de um amigo meu para dançar um arrasta pé, e o cabra disse: ‘Tu quer dançar com ela ou comigo parceiro’ e eu respondi: ‘com ela’. O forró naquele dia foi bagunçado, o cabra desligou a luz com ciúmes, e eu dei uma carrera danada. Essa noite de são João ficou marcada e quando eu me lembro dela, é só para achar graça do tempo que eu era rapaz.” (Educando 7)

“Lá em São João do Rio do Peixe era muito importante. Eu saí do sítio, lá para São João do Rio do peixe para dançar forró. Nesse tempo, eu tomava um caebra (cachaça) pesada. Nesse tempo, tinha uma coisa: se eu chamasse a moça para dançar comigo e ela não fosse e fosse com outro, era proibido. Tinha que passar a noite todinha só olhando, era a lei. Aí eu arrumei uma confusão e eu quebrei tudo. Porque eu chamei a moça para dançar e ela não foi; e veio outro cabra e ela foi. Ela disse que não ia, porque estava cansada. Aí a confusão foi feia e juntou minha família e disse que eu tava certo. Aí nesse rebuliço, veio o pai da moça e disse que ela ia passar a noite todinha sem dançar. Eu tinha cerca de 17 anos e meu pai me levou para casa depois da confusão. Mas não teve jeito. Fuji para Santa Elena, lá para festa de são João,

arrumei outro rebuliço, namorei muito, dancei muito. O são João apra mim é marcante, lembrar essa história é muito bom e hoje estou aqui contando minha história.”(Educando 8)

Neste momento o tema gerador festa juninas terá uma forma diferenciada de análise e interpretação por apresentar uma estrutura textual distinta da anterior, sem falar da extensão que mostra a maior empolgação na oralidade por parte do grupo pesquisado. As falas são mais demoradas.

A referida empolgação no contar das histórias parece vir dos termos trazidos de vivências do interior, municípios nos quais residem. Há uma fluidez na linguagem oral, sem apresentar uma preocupação com a norma culta, distinguindo das histórias anteriores referentes ao tema gerador “trabalho”. Não foram verificados ditos que denotassem que gostariam de parar de falar, pedindo para a educadora “passar a bola” para os outros educandos. Parecia que estavam no campo de futebol onde a palavra era bola.

Descrevendo mais um pouco a respeito da espontaneidade nesta fase da coleta de dados, detectaram-se termos próprios do vocabulário dos municípios a que pertenciam tais como “caebra”(cachaça), “arrodeávamos” (ficar em volta), “inté mais animado” (até mais animado), “carrera danada”(carreira danada), “outro cabra” (outro homem). Esses, por sua vez, estão ligados às suas raízes, constituintes da sua identidade formada ao longo das vivências, que relembram “tempos bons” ao lado de pessoas importantes de suas vidas. A diversão e a descontração que trazem nas falas demonstram momentos alegres de aventuras da juventude de cada um.

O vocabulário dos sujeitos percebe-se claramente que a dificuldade da escrita está ligada a forma de falar, que mesmo trabalhando na capital e com os companheiros que falam a linguagem comunicativa melhor, eles não se desligaram da sua forma originária de falar.

O processo de aprendizagem a partir de histórias na sala de aula de EJA veio com o propósito de sanar e contribuir para uma melhor atuação em suas vidas em sociedade. Nesse contexto o educador deve trazer a contação de histórias de suas vidas, para facilitar o desenvolvimento no que tange leitura, escrita e oralidade, como venho destacando ao logo desse trabalho.

É muito importante a interação e comunicação entre educador e educando, porque isso auxilia no desenvolvimento da aprendizagem oferecendo caminhos para a

apresentação dos conhecimentos adquiridos em sua vida, trazendo as histórias como mais um elemento facilitador da aprendizagem para a sala de aula.

A troca de conhecimentos não ocorre de maneira parada, mas de forma mediatizada entre educador e educando, surgindo então a aprendizagem, por isso a importância das histórias, de aprender com o outro, pois o educador pode criar situações problematizadoras, estimulando os educandos a participar ativamente no processo de ensino- aprendizagem.

Na Educação de Jovens e Adultos é importante que as histórias possam estar sempre presentes, pois são vistas como facilitadora no procedimento de ensino no qual o educador utiliza os conteúdos adaptando-os às realidades dos educandos, instigando-os à sua participação nas aulas e desenvolvendo uma concepção crítica da sociedade onde está inserido. É nesse sentido que se percebe que a aprendizagem terá mais sentido para os educandos, já que a sua participação será proporcionada e integrada aos demais sujeitos através de uma relação de troca de histórias, proporcionando o compartilhar e o aprender.

As contribuições na aprendizagem partindo das histórias para os educandos podem ser incontáveis e ter um sentido único e difícil de ser explicados por eles, pois a partir do momento que esses se apropriam de determinadas aprendizagens, esses são sujeitos autônomos, seja no trabalho, em casa, com a família ou na rua. Eles possivelmente saberão melhor se colocar em determinadas situações nas quais estejam envolvidos. A importância do uso das histórias é incalculável possibilitando aos sujeitos, não só em situações do dia a dia, mas momentos que sejam necessários o uso das especificidades que se aprende na sala de aula.

Diante dessas histórias, percebemos que a oralidade está sendo trabalhada e que houve o maior avanço nas falas, estão menos tímidos e mais abertos ao falar da vida, das histórias que muitos guardam consigo. Com finalidade de contribuir ainda mais no desenvolvimento dos sujeitos da pesquisa foram fornecidos *feedbacks* aos mesmos, levando-os a perceber que através da contação de histórias a oralidade em sala de aula teve um avanço significativo.

Como foi apresentada no referencial teórico deste trabalho, a contação de histórias de vida dos sujeitos pode contribuir e tornar o ato do processo de ensino e aprendizagem mais significativo, usando histórias de vida para o desenvolver da oralidade em aulas de português, trazendo-os a realizar as leituras e interpretar textos

diversos, com mais segurança. Por isso a decisão de analisar a oralidade dos sujeitos, com o propósito de contribuir para suas vidas em sala de aula e fora dela.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acerca do que foi apresentado neste trabalho sobre a contação de histórias na EJA, favorecendo a oralidade, foi percebida a grande relevância do tema. Este estudo teve uma grande contribuição não só para os educandos sujeitos dessa pesquisa, mas para a EJA e o ensino regular.

Através da experiência que a pesquisadora deste trabalho possui enquanto educadora facilitadora da aprendizagem nos canteiros de obra foi possível verificar que através de histórias de vida compartilhadas em sala de aula voltadas para temas geradores que possibilitem os educandos estarem mais próximos de sua cultura e, conseqüentemente, podendo tornar sua identidade mais visível, fortalecendo-a.

Esta pesquisa pode ajudar nesse processo de favorecimento da oralidade, pois a partir da análise de dados foi fornecida aos educandos, sujeitos da pesquisa, *feedbacks* como estímulos à participação, a fim de que estes possam crescer enquanto sujeitos críticos e fazer estes conhecer o quanto suas histórias podem acrescentar na aprendizagem de cada um.

Na escolha do tema do trabalho de conclusão de curso, foi levada em consideração o contexto de sala de aula na qual estava inserida percebendo a dificuldade de oralidade nas aulas de português. Pensou-se em contribuir e ajudá-los a sanar este problema que persiste em estar presente naquele ambiente.

No dia-a-dia de sala de aula, as histórias de vida iam contribuindo de forma eficaz para aprimorar a oralidade dos educandos, com o auxílio da cultura apresentada por cada sujeito. A própria linguagem oral regional marcada pela musicalidade e pelas variações linguísticas que se opunham ao receio de falar em público, que aparecia claramente.

A partir do momento que a oralidade nas aulas de português foi explorada em sala, os educandos começaram a se expressar melhor. Em cada aula entendiam que poderiam se manifestar, fazendo uso das histórias que traziam consigo.

Em suma, o presente estudo mostrou que a oralidade ainda precisa ser bastante trabalhada e que a partir das histórias de vida contadas pelos sujeitos os educandos poderão se tornar mais participativos, sem medo de errar ou com vergonha de falar em público. No momento em que o educador percebe essa fragilidade na oralidade e que esta pode contribuir para a não aprendizagem do educando, é importante ele traçar estratégias, criar meios de sanar o problema.

O educador, estando envolvido com a sala de aula, poderá perceber quando o educando estiver necessitando de um olhar mais sensível. É importante possibilitar aos educandos da EJA o máximo de oportunidades de se tornarem competentes do ponto de vista comunicativo, como não tiveram no decorrer de sua vida anteriormente.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada. Alfabetização e Diversidade. **Documento Nacional Preparatório à VI Conferência Internacional de Educação de Adultos (VI CONFINTEA)**. Brasília: MEC; Goiânia: FUNAPE/UFG, 2009

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília, 1997.

CARCAGNOLO GIL, Célia Maria. A linguagem da surpresa. Tese de Doutorado, UNICAMP/IEL, 1995.

FREIRE, Paulo. **A importância do Ato de Ler:** em três artigos que se completam. 32 ed. São Paulo: Cortez, 1996-Coleção questões de Nossa Época; V.13

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** Paz e terra, 1996 (Coleção Leitura).

FREIRE, Paulo. **Trecho de depoimento publicado pela revista Nova Escola.** Disponível em:
<http://www.projetomemoria.art.br/PauloFreire/biografia/08_biografia_correspondencias.html> Acesso em: 20 de jun.2014.

GIL, A.C. **Como elaborar Projetos de Pesquisa.** 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, A.C **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** 5 ed. São Paulo: Atlas, 2006.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversa sobre iniciação à pesquisa científica/Campinas, SP.** Ed Alínea, 2005.

HENRIQUE J. C. de Oliveira. **Os meios audiovisuais na escola portuguesa.** Disponível em:
< <http://www.prof2000.pt/users/hjco/audioweb/recav/pg00030.htm>> Acesso em 19 de jun.2014

IRELAND, Vera Ester Jandir da Costa. **Alfabetização de Adultos-ainda a questão do método.** João Pessoa: Mimeo, 1992.

LYONS, Jonh: **Novos horizontes em linguística. Organização** de Jonh Lyons.Trad-de Geraldo Cintra et alii. São Paulo/Cultrix/ Edusp, 1976.

LIRA, Bruno Carneiro. **Linguagem e ensino; Realidades que se inter cruzam.** São Paulo: Paulinas, 2012.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura.** 7. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros Textuais: definição e funcionalidade**. In: DIONISIO, A. P. et al. *Gêneros Textuais & Ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

PENNAC, Daniel. **Como um Romance/ tradução de LENY Werneck**. Porto Alegre, RS: L&PM; Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

SANTOS, Lucíola L. C. (2000) **Pluralidade de saberes em processos educativos**. In: CANDAU, Vera Maria (Org.) *Didática, currículo e saberes escolares*. Rio de Janeiro: DP&A.

SCLIAR, Moacir, **memórias de um aprendiz de escritor**. São Paulo; Ed. Nacional, 1984.

SISTO, Celso. **Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias**. Chapecó (SC): Anjos, 2001.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **O ato de ler. Fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura**. 9 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SILVA, Edna Lúcia da, Menezes Estera Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação** 4. ed. rev. atual. – Florianópolis: UFSC, 2005. 138p. Disponível em: http://www.convibra.com.br/upload/paper/adm/adm_3439.pdf. Acesso em: 15 de jun. 2014.

SOARES, L. J. G. **O surgimento dos Fóruns de EJA no Brasil: articular, socializar e intervir**. In: RAAAB, alfabetização e Cidadania: políticas Públicas e EJA. Revista de EJA, n. 17, maio, 2004.